

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/271702737>

Benefícios do Uso do Cão-Guia pela Pessoa com Cegueira

Conference Paper · November 2014

DOI: 10.17648/galao-cbee-6-29126

CITATIONS

0

READS

1,274

5 authors, including:



Ailton Barcelos da Costa
Universidade Federal de São Carlos

39 PUBLICATIONS 22 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)



Rosimeire Maria Orlando
Universidade Federal de São Carlos

24 PUBLICATIONS 28 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



Meios de acesso à literatura para pessoas com cegueira: Braille ou Áudio-livro? [View project](#)

Benefícios do Uso do Cão-Guia pela Pessoa com Cegueira¹

Aline Carrero Fukuhara

Ana Claudia Marciano

Jaqueline Oppi

Ailton Barcelos da Costa

Rosimeire Maria Orlando

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Departamento de Psicologia,
Licenciatura em Educação Especial, São Carlos/SP

Eixo: Deficiência Visual

Categoria: Comunicação Oral

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo analisar a pessoa com cegueira, usuário do cão-guia na perspectiva da mobilidade, da adaptação, e das dificuldades encontradas em relação à acessibilidade. Tendo, a escolha deste tema surgido da necessidade de se ampliar as escassas experiências e pesquisas relacionadas ao assunto, já que, até onde se pode procurar, em diversas bases de dados nacionais e internacionais, existe uma grande deficiência em termos de pesquisa, o que dificultou na obtenção de informações. A pesquisa foi qualitativa, usando a abordagem diferencial, com a participação de três pessoas com cegueira, usuários de cão-guia, do sexo masculino. A coleta de dados ocorreu através com um questionário aplicado aos participantes via e-mail e rede social. Como o resultado, chegou-se a conclusão de que o cão-guia facilita tanto na locomoção quanto na interação social da pessoa cega.

Palavras-chave: Educação Especial. Cão-guia. Cegueira.

¹ O trabalho é parte do projeto desenvolvido na disciplina de Processos Investigativos I: planejamento do trabalho científico, sob a orientação das Professoras Maria Amélia Almeida e Rosimeire M. Orlando, e co-orientação do Doutorando Ailton Barcelos da Costa, e intitulado “Cão guia: Vantagens e Desvantagens da mobilidade da pessoa com cegueira”.

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa trata das vantagens e desvantagens da orientação e mobilidade de pessoas com cegueira, usuárias de cão-guia, surgindo da necessidade de se ampliar as escassas pesquisas, tanto em nível de nacional como internacional.

Quanto à deficiência visual, esta não pode ser definida apenas no sentido físico, mas também no sentido social, uma vez que as dificuldades encontradas por pessoas com cegueira são muitas (WIGGETT-BARNARD e STEEL, 2008). Para estas autoras, uma vez que o ambiente não é apropriado, ou quando as pessoas ainda não aceitam a ideia de um cão entrar nos lugares públicos ou privados, a vida do deficiente se torna ainda mais complicada. As pessoas não entendem que ele é um cão treinado, que está ali para ser a visão do deficiente, deixando de ser apenas um cachorro e passando a ser o seu companheiro a trabalho (WIGGETT-BARNARD e STEEL, 2008).

Tais barreiras ambientais e atitudinais são largamente encontradas no Brasil, como em Sá (2003), que cita, entre outros, a dificuldade de acesso com segurança e autonomia aos espaços públicos, edificações, mobiliários, transportes, meios de comunicação, além da falta de piso tátil, e a falta de compreensão com a permissão do acesso do cão-guia em locais públicos e privados. Para a autora, ao tratar da questão social, coloca em evidência o preconceito e a falta de oportunidades para as pessoas cegas.

Fazendo alguns apontamentos em relação à legislação, Martinez (2005) diz que a Lei 11.126/2005 permite a entrada com do cão-guia em ambientes de uso coletivo (restaurantes, shoppings, aeronaves, supermercados, táxis, ônibus, metrô, entre outros).

Falando da relação do cão com a pessoa cega, pode-se começar com Lindemann (1981), que relata que ao longo dos anos, ela foi se tornando mais independente, devido aos recursos que lhes eram oferecidos. Em princípio, era a bengala que passou por várias modificações até que chegou a um modelo muito mais prático e maleável, porém, com a utilização do cão, essa praticidade aumentou de forma considerável, uma vez que o cego pode se sentir mais livre, ou seja, menos preso a obstáculos, passando a ser seus olhos; enquanto que com a bengala, o foco da atenção do mesmo para o percurso era dobrado e transformava todos os seus sentidos em sua própria

“visão” (LINDEMANN, 1981).

A vontade de independência em oposição à necessidade de assistência/ dependência em determinadas situações gerava um conflito para a pessoa com cegueira (LINDEMANN, 1981). Já Duncan e Allen (2000) dizem que a melhora da autoestima dessas pessoas têm sido associado aos cães de serviço, que é um tipo de cão de assistência treinado especificamente para ajudar as pessoas que têm deficiência, incluindo o deficiente visual, onde os donos destes diferem significativamente dos não proprietários (que são deficientes) melhorando assim sua autoestima. Já Valentine, Kiddoo e LaFleur (1993) acreditam que estas pessoas têm uma maior autoestima, confiança, tolerância e independência após a aquisição do cão de serviço, tendo resultados positivos de aumento da autoestima, principalmente dentro de seis meses depois de os participantes receberem o cão.

Quanto à utilização do cão-guia, não se conhece ao certo como ele surgiu, mas acredita-se que bastante antigo, com diversos relatos ao longo da história da humanidade, como por exemplo, o relato da existência de uma gravura nas ruínas romanas do século I da cidade de Herculaneum (MARTÍNEZ, 1991). Porém, a primeira tentativa de treinamento de cães para guiarem cegos remonta ao ano de 1780, no hospital para cegos Les Quinze-Vingts de Paris; em 1788, com Josef Riesinger, austríaco, treinou um Spitz Alemão tão bem, que as pessoas duvidavam que ele fosse cego (TAVOLIERI, 2013; MARTÍNEZ, 1991).

Foi somente durante a Primeira Guerra Mundial que foi iniciada a utilização de pastores alemães como cães mensageiros e guias, facilitando a mobilidade dos soldados feridos que retornavam cegos da frente de batalha, chegando a usar mais de 25 mil cães (OSTERMEIER, 2010). Para o autor, com o final da guerra se aproximando, foi criada em 1916 a primeira escola de cães-guia do mundo localizada em Oldenburg/ Alemanha.

Após a Primeira Guerra Mundial, a Escola Evergreen (Hospital Geral do Exército dos EUA) em Baltimore, tornou-se o centro de reeducação dos soldados de guerra que estavam cegos, que realizou um extenso programa educacional e de reabilitação, além de prestar cuidados hospitalares e médicos aos homens (OSTERMEIER, 2010).

Ainda para Ostermeier (2010), nos mais 80 anos subsequentes de treinamento e difusão de escolas de cão-guia nos Estados Unidos, levaram há mais de 10 mil cães-guia em atividade naquele país nos dias de hoje, sendo eles hoje usados, tanto por civis como por veteranos de guerra.

Quanto à introdução do cão-guia no Brasil, não se têm registros precisos e confiáveis de quando foi introduzido o primeiro cão-guia no Brasil, apesar de Tavolieri (2013) dizer que o primeiro foi introduzido pela brasileira de descendência russa Ethel Rosenfeld em 1997.

Em relação à revisão teórica sobre o cão-guia, tanto em nível nacional como internacional, foram poucos os estudos encontrados sobre o assunto, principalmente quando se diz respeito à literatura brasileira.

Para se chegar a essa conclusão, recorreu-se ao banco de dados brasileiro da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), e ao periódico brasileiro especializado, Revista Benjamin Constant. Em seguida, foram consultadas as bases de dados ERIC (Education Resources Information Center), Catálogo de Publicaciones de Servicios Sociales da ONCE (Organización Nacional de Ciegos Españoles) e os periódicos British Journal of Visual Impairment e Journal of Visual Impairment & Blindness. Foram empregados os seguintes descritores representativos da temática de investigação, para o período compreendido de 2003 e 2013, utilizados isoladamente e em associação, em inglês, português e espanhol: “cegueira”, “deficiência visual”, “cão-guia”. Por meio deste procedimento, não foi encontrado nenhum trabalho diretamente relacionado à temática específica desta pesquisa.

Começando pelas pesquisas brasileiras, Sá (2003) fala sobre os vários instrumentos usados pelas pessoas cegas para se locomover, onde se destaca a opção pelo cão-guia, que poderia amenizar um pouco essa questão de segurança na sua mobilidade, que na verdade tem sua utilização pouco difundida, de difícil acesso e aceitação social, ou seja, ainda sendo considerada recente a lei que garante o acesso de pessoas com deficiência visual acompanhadas do cão-guia em ambientes de uso coletivo. Ainda segundo a autora, no Brasil, através da lei 12.492/97, que colaborou para que uma mulher pudesse circular no metrô com seu cão-guia, ressaltando que nem sempre as pessoas sabem seus direitos, por se

tratar de leis recentes às vezes, mesmo sabendo que ainda sofrem como é relatado abaixo:

São numerosos e desafiadores os obstáculos que dificultam ou impedem a locomoção, a livre circulação, a comunicação, a interação física e social das pessoas cegas ou com baixa visão em suas atividades diárias. Não raro, estas pessoas convivem com atitudes, atos discriminatórios e estruturas excludentes que convertem o quotidiano em campo de batalha e tornam a condição de cidadania mera abstração ou um ideal inatingível. (SÁ, 2003, p. 4)

Já Moura e Castro (1998), apresentam a evolução dos instrumentos utilizados por deficientes visuais e o crescimento da disciplina Orientação e Mobilidade (O e M) ao longo da história. Para ele, o processo de O e M ao ser estudado e aplicado, deve implicar a opinião dos próprios cegos, dos técnicos e da população em geral, porém há ainda a estudar na área da Orientação e Mobilidade.

Ainda em relação ao Brasil, pode-se citar o livro de Martinez (2011), que narra em forma de autobiografia, a sua história com o cão-guia Boris e sua luta para se ter acesso ao Metrô da cidade de S. Paulo, inspirando a aprovação de duas leis - uma estadual, em 2001, e outra federal, em 2005, que garantem o acesso de cães-guia a todo e qualquer local público e privado de uso coletivo.

Com relação à literatura internacional, começa-se por Ostermeier (2010), já citado, que trata da primeira escola de cães-guia do mundo estabelecida na Alemanha durante a primeira guerra mundial, e a criação e difusão de escolas de cão-guia nos Estados Unidos durante o século XX.

Gray (2008) reporta alguns aspectos da investigação de orientação e mobilidade, independência e qualidade de vida por 147 crianças e jovens com deficiência visual, entre zero e 19 anos na Irlanda do Norte.

Já Casals (2007) analisa aspectos da orientação e mobilidade de usuários de cão-guia, e fazendo comparações com o uso da mobilidade com a bengala e com auxílio de guia vidente, mostrando que este último, como uma habilidade complementar ao uso da bengala e do guia vidente.

Por fim, Wiggett-Barnard e Steel (2008), exploraram a dinâmica da posse do cão-guia na África do Sul, com seis participantes, usando uma entrevista estruturada, o que proporcionou uma compreensão mais clara do

cão-guia e seu relacionamento com o proprietário, bem como a influência do cão na vida de uma pessoa com cegueira, que de fato, tal experiência, parece provocar uma mudança de vida, com consequências negativas e positivas para a pessoa cega. Este estudo, também aponta o uso do cão-guia como auxílio para o desenvolvimento da coordenação motora da pessoa cega.

Dessa forma, chegou-se naturalmente às questões de pesquisas:

Como é a acessibilidade da pessoa cega com cão-guia (no transporte, estabelecimentos públicos e privados)? Quais as diferenças em sua mobilidade em relação à bengala?

OBJETIVOS

A presente pesquisa teve como objetivo investigar as vantagens e desvantagens do cão-guia em relação à mobilidade da pessoa cega.

Quanto aos objetivos específicos procurou-se:

- Investigar os possíveis benefícios da utilização do cão-guia.
- Investigar o cumprimento da legislação sobre o acesso do cão-guia;

MÉTODO

A pesquisa é qualitativa, usando a abordagem diferencial, que teve como objetivo investigar a natureza e as causas da variação e desenvolvimento dentro de uma população com deficiência visual (Warren, 1994).

Foram selecionados sete participantes, usuários de cão-guia, através da rede social via internet, em comunidades de cinco instituições de atendimento especializado ao deficiente visual com cão-guia ou escola de treinamento, localizadas no Brasil.

Após, a aprovação da pesquisa no Conselho de Ética de Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos, com o parecer nº 443.193/ 2013, foi realizado o contato com os participantes, explicando o propósito da pesquisa e convidando-os a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A coleta de dados ocorreu através de entrevista estruturada, pela própria rede social, enviando formulários para eles responderem, e enviarem de volta para os pesquisadores.

A análise de dados foi baseada em Wiggentt-Barnard e Stell (2008), analisando as respostas de forma qualitativa.

Quanto aos materiais e equipamentos, foram utilizados na pesquisa os seguintes materiais: folha de sulfite A4, lápis, caneta, borracha, notebook e impressora.

Como instrumento de pesquisa, este foi construído de um questionário estruturado, baseado em Amádio e Ferreira (1998), Sá (2003) e Wiggentt-Barnard e Stell (2008), sendo revisado por juízes (alunos de pós-graduação do PPGEEs/ UFSCar e que eram mentores na referida disciplina de graduação).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a realização da pesquisa, o grupo contou com a participação de três pessoas com cegueira, usuárias de cão-guia, chamadas de P1, P2 e P3, todas do sexo masculino, com idades entre 27 e anos e 34 anos.

Sobre a obtenção e treinamento, dois participantes obtiveram seus cães no Brasil (P1 e P2) e somente P3 nos EUA.

Há divergências sobre o tempo de treinamento do animal, e acompanhamento, provavelmente por falta de informação. Já quanto à sua manutenção, todos os participantes disseram que estes são similares ao cuidado de um animal comum.

Uma grande dificuldade encontrada, relatado pelos três participantes, é dificuldade de se conseguir um cão-guia no Brasil (MARTINEZ, 2011; SÁ, 2003), devido à existência de poucos locais de treinamento e ao seu alto custo, com tempo de espera de aproximadamente cinco anos, indo de encontro ao encontrado na África de Sul (WIGGENTT-BARNARD e STELL, 2008), mas bem longe da realidade dos Estados Unidos (OSTERMEIER, 2010).

Quanto à adaptação com o cão-guia, P1 e P3 relataram não terem tido nenhuma dificuldade, ao contrário de P2, indo de encontro à Wiggett-Barnard e Steel (2008), que falam da dificuldade em torno de três meses na adaptação com o animal. Por sua vez, P2 relata:

As dificuldades que tive em sua maioria ocorreram por eu não confiar totalmente em alguns momentos na concentração do cão guia bem como não exercer plenamente o domínio sobre ele.

Sobre o meio de locomoção dos participantes, todos relataram usar o cão-guia em detrimento da bengala longa, por este proporcionar inúmeras vantagens, como eficaz detecção de obstáculos aéreos, por poder percorrer grandes distâncias com ritmo intenso, e trazer segurança e confiança na locomoção, indo de encontro a Casals (2007).

Os participantes destacaram também como grande vantagem do uso de cão-guia, o fato de este proporcionar e facilitar interação social com as demais pessoas, reafirmando Valentine, Kiddoo e LaFleur (1993) e Wiggett-Barnard e Steel (2008), que constataram a facilitação na interação social com as demais pessoas.

Estas vantagens são vistas claramente na fala do participante P2:

Acredito que, basicamente, posso percorrer grandes distâncias, num ritmo muito mais intenso, com o cão guia; outro benefício é a interação com as pessoas que ocorre através do cão. No meu caso, já tive uma experiência bem séria, com relação à segurança; em novembro de 2008, ao puxar a porta do elevador, no 12º andar, por três vezes “mandei” o cão entrar e ele não me obedeceu; logo eu soube que a porta se abriu sem o elevador estar presente.

Quando se pergunta se os participantes enfrentaram alguma em acessar lugares públicos e privados (ônibus, metrô, aviões, trens, táxis, lojas, restaurantes, etc.), todos relatam dificuldades que encontraram, quando as pessoas confundiram o cão-guia como um cachorro comum, impedindo-o de acessar lugares públicos e privados, indo de encontro à Martinez (2011) e Sá (2003), quando se referem à realidade brasileira. Além disso, eles apontaram o não cumprimento de leis estaduais e federais, por falta de conhecimento das mesmas, por confundirem o cão-guia com um cão comum e pelo não estabelecimento de uma cultura do uso do cão-guia no Brasil, indo de encontro à realidade sul-africana (WIGGETT-BARNARD e STEEL, 2008) e a pesquisas brasileiras (MARTINEZ, 2011; SÁ, 2003).

Este fato aparece na fala do participante P3:

A maior dificuldade é as pessoas confundirem um cão guia como outro cachorro qualquer, tentando impedir o livre acesso, mesmo garantido por lei, fazendo com que muitas vezes eu tenha de explicar a situação.

Outro problema ocorre quando as pessoas, ao confundirem o cão-guia com um cachorro comum, brincam com ele, distraíndo-o, prejudicando o trabalho deste (WIGGETT-BARNARD e STEEL, 2008). Isto é relatado pelo participante P3:

O cão guia pode brincar e receber carinho, desde que não trabalhando. Fazer carinho ou brincar com cão guia em hora de trabalho pode causar acidentes graves para o cão ou seu dono, já que a atenção do mesmo será desviada.

CONCLUSÃO

Pode-se dizer que o objetivo geral foi alcançado com sucesso, conseguindo-se investigar as vantagens e desvantagens do uso cão-guia em relação à mobilidade da pessoa cega.

Primeiramente, foi constatada grande dificuldade dos participantes em conseguir cão-guia no Brasil, se mostrando próxima à realidade da África de Sul, mas bem longe da realidade dos Estados Unidos.

Quanto às vantagens do uso do cão-guia na locomoção de pessoas cegas, os participantes relatam a eficaz detecção de obstáculos aéreos, e fato deste proporcionar maior segurança em seus deslocamentos, mas a principal vantagem de seu uso foi o relato de facilitação em interações sociais com as demais pessoas.

Já sobre as desvantagens do uso do cão-guia, a principal relatada foi o fato das pessoas confundirem-no com um cachorro comum, brincarem com ele, distraíndo-o, prejudicando seu trabalho e a mobilidade de seus usuários.

A princípio, ficou comprovada a dificuldade de acesso aos espaços públicos, privados, e aos transportes, além da falta de compreensão para o acesso do cão-guia a tais locais.

Neste mesmo sentido, quando se aborda a questão da legislação, o relato é que ainda faltam informações por parte da sociedade, causando muitas vezes transtornos aos usuários de cão-guia.

Por fim, um tópico que permearam todos os resultados, foi o fato da falta de uma cultura de cão-guia no Brasil, o que leva à dificuldade de acesso a um cão-guia por parte das pessoas cegas, além do desrespeito à legislação, prejudicando bastante a locomoção destas pessoas.

A principal limitação da pesquisa foi à dificuldade de se encontrar usuários de cão-guia, deixando como sugestão a realização de futuras pesquisas com maior número de participantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMÁDIO, V. A.; FERREIRA, P. F. Perguntas e Respostas Mais Frequentes Sobre A Utilização De Cães-Guias. Revista Benjamin Constant, nº 9. Rio de Janeiro, 1998.

CASALS, B. C. Movilidad con perro-guía: bastón y guía vidente como elementos complementarios de familiarización con nuevos entornos. Integración: Revista sobre ceguera y deficiencia visual, n. 52, p. 33-37, 2007.

DUNCAN, S. L.; ALLEN, K. Service animals and their roles in enhancing independence, quality of life, and employment for people with disabilities .Handbook on animal-assisted therapy: Theoretical foundations and guidelines for practice, p. 303-323, 2000.

GRAY, Colette. Support for children with a visual impairment in Northern Ireland: the role of the rehabilitation worker. British Journal of Visual Impairment, v. 26, n. 3, p. 239-254, 2008.

LINDEMANN, James Earl; LINDEMANN, James E.; BOYD, Robert D. Psychological and behavioral aspects of physical disability: A manual for health practitioners. New York: Plenum Press, 1981.

MARTÍNEZ, J. M. Los Ciegos en la Historia. Tomo I. Once. Pp. 23, Madrid, 1991.

MARTINEZ, T. Minha vida com Bóris. São Paulo: Globo Livros, 2011.

OSTERMEIER, Mark. History of Guide Dog Use by Veterans. Military medicine, v. 175, n. 8, p. 587-593, 2010.

SÁ, E. D. Acessibilidade: As Pessoas Cegas No Itinerário Da Cidadania. Revista Benjamin Constant, nº 24. Rio de Janeiro, 2003.

STEFFENS, M. C.; BERGLER, R. Blind people and their dogs: An empirical study on changes in everyday life, in self-experience, and in communication. Companion animals in human health, p. 149-157, 1998.

TAVOLIARI, N. O encantador de cães-guia. Revista Época, Editora Globo. São Paulo, 2013. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/noticia/2013/03/o-encantador-de-caes-guia.html> Consultado em: 06/02/2013.

VALENTINE, D.; KIDDOO, M.; LAFLEUR, B. Psychosocial implications of service dog ownership for people who have mobility or hearing impairments. *Social Work in Health Care*, v. 19, n. 1, p. 109-125, 1993.

WARREN, David H. *Blindness and children: An individual differences approach*. Cambridge University Press, 1994.

WIGGETT-BARNARD, C.; STEEL, H. The experience of owning a guide dog. *Disability & Rehabilitation*, v. 30, n. 14, p. 1014-1026, 2008.